

O idoso em situação de rua: Sísifo revisitado

The elderly homeless situation: Sísifo revisited

Ricardo Mendes **MATTOS**¹

Ricardo Franklin **FERREIRA**²

Resumo

Este trabalho visa um dos problemas sociais mais severos que acometem a população da terceira idade: a realização. Baseado na história de vida de um sujeito emblemático dessa condição, o trabalho aponta que a realização faz parte de um círculo de pobreza e inserção prematura no mercado de trabalho, gerador de inserções temporárias, irregulares e instáveis no sistema produtivo. A vulnerabilidade familiar, o alcoolismo e a itinerância são destacados como componentes gerais dessa situação. Como plena realização do mito de Sísifo, tais circunstâncias favorecem a constituição de indivíduos presos em um eterno presente, como se carregassem seus fardos, para cima e para baixo, sem perspectivas e sem futuro, voltados para o único horizonte que conseguem vislumbrar: a espera da morte.

Palavras-chave: identidade social; sem-teto; psicologia social; velhice.

Abstract

This paper focus to one of the most severe social problems to the elder people: the homelessness. Based on the life of an emblematic person who lives in this condition, this study points out how the homelessness situation is related to the following circle: poverty, premature insertion to the market and the unstable market condition. This situation is composed basically by the familiar vulnerability, the alcoholism and itinerancy. As a Sísifo's Myth course conclusion, these circumstances feed up a non-perspective future condition planning that has just one certain choice: death.

Key words: social identity; homeless; social psychology; old age.

A velhice nos incomoda e o morador de rua nos assusta. O idoso morador de rua, então, é a própria imagem da desumanização à qual o homem está submetido; essa condição cada vez mais comum em nossa época nos grandes centros urbanos desafia-nos na busca de compreensão.

O grande aumento da população idosa, como apontado pelos dados epidemiológicos (Berquó, 1999),

torna relevantes os estudos voltados para essa fase do desenvolvimento humano a fim de favorecer a melhoria da qualidade de vida das pessoas nessa faixa etária. No bojo de tais desafios encontra-se a reflexão sobre o idoso em situação de rua.

Neri (2001) enfatiza que a gerontologia adota atualmente uma perspectiva interdisciplinar para a compreensão dos diversos fatores biológicos,

▼ ▼ ▼ ▼ ▼

¹ Graduando, Curso de Psicologia, Universidade São Marcos. E-mail: <ricardomendesmattos@ig.com.br>.

² Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade São Marcos. Rua Clóvis Bueno de Azevedo, 176, 04266-040, São Paulo, SP, Brasil. Correspondência para/Correspondence to: R.F.FERREIRA. E-mail: <ricardo_franklin@uol.com.br>.

psicológicos e sociais relacionados à terceira idade. Conduzido por essa proposta interdisciplinar e baseado em uma pesquisa empírica, o presente trabalho resalta alguns processos envolvidos na constituição da identidade do idoso em situação de rua, utilizando-se da concepção de identidade, elaborada por Ciampa (1990), como metamorfose humana. Além disso, o movimento de metamorfose da identidade, rumo à emancipação pessoal e à humanização, pode ser cerceado por condições concretas desumanas. Tal processo, como se dá comumente com o idoso em situação de rua, favorece o que Ciampa (1990) denomina de "réplica de si mesmo", que nega o próprio movimento de humanização.

A psicologia social brasileira revigorou-se a partir da superação da chamada "crise da psicologia social" - analisada em pormenores por Ciampa (1977), dentre outros - com a adoção de uma epistemologia materialista histórica e dialética para a compreensão do fenômeno humano. Nesse processo, o indivíduo concreto, objeto da psicologia social, passou a ser visto como a "manifestação de uma totalidade histórico-social" (Lane, 2001, p.16), constituída a partir das relações sociais em um contexto histórico determinado.

A concepção de identidade como metamorfose (Ciampa, 1977; 1990; 1994; 1998) surge como importante categoria na configuração da psicologia social atual e constitui, a nosso ver, uma forma plausível de analisar a subjetividade pessoal, vinculada de modo inseparável dos processos sociais que a originam, a mantêm e a transformam.

Baseado nessas referências, o presente trabalho, partindo de algumas concepções sobre velhice e sobre a situação de rua, visa atentar para um dos problemas sociais mais emergentes que acomete a população da terceira idade: a realização.

Diversas formas podem ser desenvolvidas para se compreender o processo de envelhecimento no âmbito da psicologia do desenvolvimento humano (Neri, 2001). De acordo com o conceito de identidade, a velhice pode ser entendida na relação dialética do indivíduo e sociedade. O entendimento da velhice aqui articulado possui diversas similaridades com a proposta de Mercadante (1996) e Neri (2001).

A identidade do indivíduo nessa faixa etária é constituída a partir da totalidade de sua experiência concreta em um contexto sócio-histórico determinado. O idoso assim o é porque incorporou a identificação objetivada e pressuposta em suas relações sociais; adotou a posição de papéis e expectativas sociais sobre quem é e como deve agir. Tal perspectiva de forma alguma negligencia os aspectos biológicos efetivamente associados à velhice; apenas concebemos que as modificações corporais e a elaboração subjetiva estão atreladas ao significado socialmente compartilhado sobre o envelhecer.

Faz-se necessário assinalar, agora, o que entendemos por situação de rua. Assumimos o processo de realização conforme a concepção de Mattos (2003), para quem o termo situação de rua designa o indivíduo que, por não possuir uma moradia fixa, acaba por habitar transitariamente diversos logradouros públicos, albergues ou pensões. Essa expressão é utilizada para enfatizar o aspecto processual da passagem pela rua como um momento da biografia individual e não como um estado permanente.

Ao procurarmos dados censitários sobre a população de rua, deparamos-nos com a ausência de um recenseamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a respeito dessa categoria social. Tal negligência é ressaltada por diversos pesquisadores, dentre eles Simões Junior (1992), bem como por meios de comunicação específicos da população de rua, tais como a Revista Boca de Rua (Ninguém, 2000, p.4), e a Revista OCAS (Declaração, 2002, p.5). Além da omissão política em realizar tal censo, há diversas dificuldades em fazê-lo, como, por exemplo, a grande mobilidade espacial e social dessa população (Vieira, Bezerra & Rosa, 1992; Schor & Artes, 2001).

Apesar dessas limitações, baseamos nossa análise no recenseamento realizado na cidade de São Paulo pela prefeitura de Luiza Erundina em maio de 1991 (Vieira, Bezerra & Rosa, 1992), e no de fevereiro de 2000 (Schor & Artes, 2001). A primeira pesquisa apontou um total de 3 392 indivíduos em situação de rua, segundo a participação em projetos sociais administrados pela prefeitura e por ONGs. Nessa ocasião, a população em situação de rua com mais de 60 anos constituía 7,8% dos indivíduos albergados, 1,2% dos

indivíduos freqüentadores das casas de convivência e 4,2% dos indivíduos que utilizavam outros abrigos, em uma média de 4,4% do total do contingente recenseado. Cabe ressaltar ainda que 90,0% eram do sexo masculino, e 50,0% eram brancos.

A segunda contagem à qual nos referimos foi realizada em consonância com a lei municipal nº 12.316 e apresentou alguns dados díspares. Foi contado um total de 8 706 indivíduos em situação de rua, dos quais aproximadamente 11% têm 56 anos ou mais. Como averiguado anteriormente, há uma predominância, na população pesquisada, de pessoas do sexo masculino, 84%, e de cor branca, 40%.

Tal como na população brasileira no geral (Berquó, 1999), tem sido registrado um acentuado crescimento de indivíduos considerados idosos que estão em situação de rua, embora sejam escassos os trabalhos com o objetivo de estudá-los. Assim, acreditamos ser importante a compreensão do processo de constituição da identidade do idoso em situação de rua, pois pode oferecer subsídios teóricos favoráveis às políticas sociais para que assistam de forma eficaz o contingente de pessoas nessa condição.

Para isso, este estudo baseou-se numa história de vida, a história de Antônio, um sujeito emblemático dessa população. Para Marconi e Lakatos (1990) e Becker (1999), o levantamento de história de vida pode ser um instrumento versátil em resgatar as especificidades de uma biografia individual, permitindo analisar uma realidade intermediada pelo próprio sujeito protagonista do fenômeno, suas relações sociais e sua visão de mundo. Antônio foi selecionado a partir das características estatísticas da população idosa de rua, quando estava albergado na "Pousada da Esperança" (albergue localizado em Santo Amaro e administrado pela Rederua), instituição por nós freqüentada.

A história de Antônio

Antônio, um senhor de 59 anos, aposentado, atualmente mora, de forma provisória, em um albergue. Nasceu numa pequena cidade do interior de São Paulo, Vera Cruz, em uma família de quatorze filhos. Seu pai, uma pessoa 'rígida', sempre preconizava que os filhos deveriam trabalhar. Assim, aos nove anos, Antônio seguiu o projeto paterno: passou a exercer a atividade

de ajudante geral em uma gráfica, ao mesmo tempo em que freqüentava a escola. Após esse ofício, tornou-se engraxate e, depois, o responsável pela limpeza de uma farmácia. Em função da excessiva carga de trabalho e a incompatibilidade de horários, Antônio abandonou os estudos na 4ª série do ensino fundamental.

Aos 18 anos, prestou o serviço militar, passando, depois, a trabalhar em um banco, emprego que abandonou em poucos meses. Conforme suas palavras: "fui correr o mundo". Foi para Curitiba, onde trabalhou em várias atividades: cobrador de ônibus, fiscal, motorista. Não permaneceu por muito tempo em nenhum emprego. Foi para o Paraguai, onde trabalhou na roça por oito meses. Voltou para o Paraná, trabalhou novamente como cobrador; conforme suas palavras: "corre daqui, corre dali" sem conseguir ter estabilidade, fato que ele atribui ao alcoolismo, desenvolvido ainda quando jovem.

Voltou para São Paulo, casou-se e teve uma filha. Nessa cidade, em função do alcoolismo, ficou internado um ano. Nessa época separou-se da mulher, indo buscar abrigo na casa de parentes, onde não se sentiu bem-recebido. Como tinha feito amizade com alguns moradores de rua, foi morar com eles, sob uma ponte no bairro da Água Funda. Ouçamos suas palavras:

Aí eu fiz amizade com o pessoal que ficava debaixo da ponte. Eu nem lembro por quanto tempo... Aí descobriram que eu estava lá... um irmão meu e ele foi lá me buscar... e, depois ele me internou e eu fiz tratamento...

O tempo vai indo e eu arrumei uma mulher, viúva, que me deu apoio e aí ficamos juntos. Aí, eu fui trabalhar assim em mobiliária, plantonista... entregar panfleto para o dentista.

Indo morar com sua segunda mulher, Antônio alcançou certa tranquilidade na vida, pois passou a ter um lugar fixo para morar, trabalhar e fez vínculos familiares e afetivos mais duradouros.

Um acontecimento, porém, veio modificar e dar um novo rumo à história de vida de Antônio. Separado da primeira esposa, não acompanhou o crescimento de sua filha, e desconhecia, portanto, o fato de que ela tinha se casado e tido uma filha. Sua filha pouco o conhecia e, como nos parece plausível, tinha curiosidade em conhecê-lo e vontade de apresentar-lhe a família

que constituiu. Entretanto, o surgimento dessa filha criou conflitos com o novo relacionamento e o desfecho desses desentendimentos custou-lhe caro: "Apareceu (refere-se ao aparecimento da filha) e aí foi uma 'carga d'água': briga daqui e briga dali, eu voltei para a casa da minha mulher com minha filha, meu genro e minha neta. Cheguei lá e não deu certo e eu fui embora morar em pensão".

Antônio separou-se novamente da primeira esposa e não conseguiu reatar os laços afetivos com a segunda. Saiu de casa, passou a morar em uma pensão, e como ele diz: "Achei que dava para pagar a pensão, mas não deu certo... aí eu vim para cá (para o albergue). Aqui já faz oito meses que eu estou e inclusive já venceu meu prazo aqui e me falaram para ficar sossegado porque ou eu ia para outro lugar, ou talvez continuasse aqui, eu não sei. Eu estou aí na balança".

Após longa trajetória, Antônio se viu por mais uma vez sem ter para onde ir, entregue ao mundo. Retomou um modo de vida que se tornara ausente em sua narrativa: a condição do Antônio em situação de rua. Eventualmente, quando tinha algum dinheiro, dormia em pensões. Porém, como tal condição era rara, voltava sempre para as ruas e, à noite, dormia em albergues. Enfim, ele não tem um lugar que possa chamar de seu, sem vínculos familiares, no movimento da rua.

Antônio-em-situação-de-rua foi acometido pelo câncer de pele. Tal enfermidade levou-o a fazer diversas cirurgias. Incapacitado de trabalhar em virtude da doença, Antônio se aposentou por invalidez permanente.

Minha situação financeira é ruim. É ruim porque eu ganho pouco: eu ganho um salário mínimo (...) A minha aposentadoria é pouca, para eu pagar uma pensão não dá.

Devido à falta de condições financeiras para levar uma vida independente de instituições assistenciais, Antônio encontrou-se em situação de rua. Ele ainda tentou trabalhar, fazendo um "bico" para ter mais recursos que o permitissem sair dessa situação. Arrumou uma colocação no mercado informal de trabalho, atuando como *office-boy* em um escritório de advocacia. Com tal "emprego" conseguiu alugar um quarto de pensão; no entanto, devido às diversas consultas e internações, voltou às ruas.

Antônio possui bom relacionamento com os demais albergados que o apelidaram de "velho" devido

à sua idade. Relaciona-se com seus companheiros de rua de forma satisfatória e sente-se acolhido por eles. Além de proporcionar diversas amizades, muito apreciadas por Antônio, o ambiente de rua lhe dá, também, a oportunidade de compartilhar e ajudar os mais jovens nas suas experiências de vida.

Diariamente, após a saída obrigatória do albergue, Antônio habituou-se a uma atividade de lazer: "matar o tempo" andando de metrô e ônibus durante o dia inteiro. "Eu não pratico esporte. Eu saio pego o ônibus e vou para um lugar, vou para o outro, passear de metrô para cima e para baixo (...) Eu fico assim: vou no Jabaquara, às vezes vou lá no Tucuruvi, pego o metrô e vou lá na Barra Funda... e fico andando. Não tenho o que fazer. Às vezes encontro um amigo... bato um papo".

Em relação ao seu futuro, Antônio diz:

Meu futuro é ficar bom com a minha saúde, fazer essa cirurgia, ficar legal e arrumar um bico para eu fazer... para matar o tempo e ganhar um dinheirinho para não ficar pedindo aqui, pedindo ali e cair na sarjeta. Aqui em São Paulo, se não tiver um troco no bolso você não é ninguém. (...) Se eu tivesse um lugar para fazer um trabalho extra, um serviço assim que eu pudesse fazer, e ganhar algum dinheiro - não um serviço pesado, mas *office-boy* que vai para lá, vai para cá, faz isso e faz aquilo - aí ganhar o suficiente para mim pagar um lugar para morar... Chegar e ter meu quatinho, deitar lá e ver minha televisão e ficar tranquilo.

Ao analisarmos a história de Antônio, entramos em contato com uma vida singular, submetida ao contexto sócio-histórico brasileiro, que desvela situações limites às quais muitos brasileiros estão suscetíveis. Como Ciampa (1990, p.213) pontua: "O singular materializa o universal na unidade do particular". Assim, tal situação material nos permite vislumbrar algumas características que podem vir a elucidar aspectos do idoso em situação de rua no Brasil, imerso em inúmeros infortúnios e vicissitudes desalentadoras.

Concebemos que Antônio é um caso representativo para se falar da realidade do idoso em situação de rua em São Paulo. Sua história de vida fala por si só. Não obstante, revestindo-a das discussões teóricas que cabem ao pesquisador, propomo-nos a discorrer sobre algumas condições associadas à

situação de vida de Antônio que podem favorecer a compreensão da situação de rua de idosos.

A rualização como parte de um círculo de pobreza e inserção prematura no mercado de trabalho, numa situação de desemprego global

Oliveira (2001), em sua dissertação de mestrado, estudou dez idosos em situação de rua momentaneamente albergados. Apontou que, em sua maioria, esses indivíduos são provenientes de famílias com poucos recursos financeiros, o que determina a necessidade do trabalho desde a infância, acarretando prejuízos posteriores, tais como falta de escolaridade e trabalho qualificado, iniciando assim, na infância, um processo que é reproduzido e perdura durante toda a vida.

Antônio nos conta:

Eu estudei até o quarto ano primário. Eu trabalho desde muito cedo... Eu larguei os estudos por causa do trabalho... Eu entrava às sete horas da manhã e saía às oito... nove horas da noite e ficava a escola aberta até as dez. Aí não tinha jeito por causa do horário.

Nesse contexto, podemos ponderar que o processo de rualização a que Antônio está submetido iniciou-se já na infância como um círculo de pobreza que culminou em sua condição atual. Desde a adolescência, a relação intermitente e instável com o mundo do trabalho parece estar sempre presente na vida de Antônio e ser uma das condições que se correlacionam com a situação de rualizado. Como pondera Oliveira (2001, p.102): "a maioria dos idosos moradores de rua vive hoje o resultado de como foi o processo de sua inserção social no mundo do trabalho". A história de Antônio mostra que tal processo se deu, principalmente, em função de sua inserção prematura no mercado de trabalho. Norteador por uma exigência paterna, começou a trabalhar com nove anos de idade.

Esses indivíduos em situação de rua, hoje idosos, geralmente, começaram a trabalhar entre os seis e sete anos em função da sobrevivência da família. Tais circunstâncias, relacionadas à maioria dos indivíduos rualizados, dentre outras conseqüências, desencadeiam a falta de escolaridade que se reflete na vida adulta

através de uma maior dificuldade em enfrentar condições macroestruturais (Bursztyn, 2000), como o desemprego global.

Nomadismo ocupacional

Analisando a realidade do povo da rua do Rio de Janeiro, Escorel (1999) enfatiza a "vulnerabilidade ocupacional" e de rendimentos que caracterizaram a vida desse contingente anteriormente à rualização. Escorel assim se refere ao "nomadismo ocupacional" que aflige tais indivíduos: "apresenta-se sob uma elevada taxa de rotatividade (tempo de permanência no emprego anterior inferior a um ano) e configura situações de trabalho irregular, descontínuo, parcial, intermitente, ocasional, eventual, sazonal, temporário ou de duração determinada" (p.185).

Assim, a vida de Antônio parece expressar esse processo: possuiu inúmeras passagens curtas por diversos empregos - trabalho em uma gráfica como ajudante geral, engraxate, ajudante de limpeza em uma farmácia, bancário, trabalhador rural, motorista de ônibus, cobrador, fiscal.

As referidas características são apontadas em estudos com a população em situação de rua em diversas regiões do Brasil: em Campo Grande (Taveira & Almeida, 2002); em Brasília (Bursztyn, 2000); em Porto Alegre (Magni, 1994); e em São Paulo (Vieira, Bezerra & Rosa, 1992; Yazbek e Wanderley, 1992; Alves, 1994).

Alcoolismo

Chegando à idade do alistamento militar, Antônio serviu o exército no ofício de enfermeiro. Após a conclusão de seu período de prestação de serviços militares, nosso personagem passou a trabalhar em um banco, trabalho abandonado com o surgimento de um grande problema em sua vida: "Aí veio estas bobearias que a gente quando é jovem faz: cai na bebida... aqueles negócios... boates e tal... e... abandonei. Abandonei e fui correr o mundo... fui para o Paraná trabalhar com ônibus, cobrador de ônibus... fiscal, motorista...". Assim, após passar por diversas ocupações, Antônio foi acometido por um "vício" muito comum na população em situação de rua - o alcoolismo: "eu fiquei doente por causa da bebida e fiquei um ano dentro do hospital".

Entre os diversos pesquisadores que se dedicam à análise das pessoas realizadas é consensual a associação álcool-população de rua. Além de variáveis ligadas à família e ao trabalho, o alcoolismo é um dos fatores principais de realização e da permanência dos indivíduos em situação de rua, como apontam os trabalhos de Silva (2000) e Snow e Anderson (1998). Vieira (1995) ressalta a importância do álcool como um elemento socializador nos grupos de rua, possibilitando ao indivíduo “integrar” uma rede tênue e efêmera de vínculos afetivos que se encontram fragmentados: “nesse processo (socialização na rua) o álcool é um elemento fundamental. Não se fala aqui apenas do alcoolismo, mas do álcool como elemento socializador, que integra o que parece tão fragmentado” (p. 44).

Após o exército e o trabalho no banco, Antônio tomou uma decisão importante: resolveu “correr o mundo”. Imerso no grupo de rua embaixo da ponte, Antônio aprofundou-se ainda mais no alcoolismo que, para muitos autores, pode significar a tentativa de “tapar” o vazio existencial (Vieira, Bezerra & Rosa, 1992; Snow & Anderson, 1998), esquecer a vida e os problemas, amenizar e anestesiá-la a dor pungente da situação atual.

Itinerância

Observamos, no relato de Antônio, que a itinerância iniciada no momento em que vai para o Paraná torna-se constante em sua vida: eis uma característica apresentada pelo nosso colaborador facilmente observada na população de rua. O jornal “O Trecheiro”, publicação dirigida ao povo da rua, é assim denominado pela mobilidade característica dessa população (Dias, 2004).

A antropóloga Magni (1994) denomina a população de rua como “nômades urbanos”, por estarem em mobilidade constante e sempre de passagem pelos lugares. No âmbito da identidade, é importante ressaltar que tal inconstância na localização espacial acaba por destituir o indivíduo de “raízes” geográficas plausíveis criando um indivíduo sem origens, desarraigado (Bursztyjn, 2000).

Vulnerabilidade familiar e ruptura com a família

A presença da vulnerabilidade sociofamiliar (Escorel, 1999) parece ter favorecido para que Antônio

permanecesse nas ruas. Isso fica claro quando ele conta: “fui na casa dos parentes e nada...”, enfatizando a falta de respaldo familiar nesse momento de sua vida.

Assim, a situação de “ponto zero” do processo de realização corresponde à ruptura com a família e com o trabalho, caracterizada pela descontinuidade dos suportes anteriores com a atual situação. Com o ingresso no mundo da rua, o indivíduo vivencia, portanto, uma ruptura, mais ou menos abrupta, dos alicerces que mantinham sua identidade anterior. A esse processo denominamos ruptura/realização (Mattos, 2003).

Apesar de muitos outros acontecimentos importantes terem ocorrido na história de vida de Antônio (tais como ter desenvolvido câncer, um segundo casamento, o restabelecimento do primeiro relacionamento conjugal e posterior separação, aposentadoria, passagem por pensões e albergues etc.), a instabilidade financeira e a vulnerabilidade dos vínculos familiares perduram. A situação de rua, no caso de Antônio, é marcada por uma oscilação constante entre a reinserção e a volta às ruas (referimo-nos às estadas em pensões em tempos intermitentes), um fenômeno constante entre a população de rua (Snow & Anderson, 1998) que representa mais uma faceta da instabilidade geográfica.

Impossibilidade de inserção em relações formais

No que se refere ao movimento descrito por Antônio de “correr o mundo”, Nasser (1996, p.122) oferece um respaldo teórico significativo. Utilizando o termo “sair para o mundo”, a referida autora postula um “momento de ruptura” permeado pela transitoriedade de um permanente recomeçar, que possui como propriedade a migração sempre movida por projetos individuais, sem acompanhamento de familiares e pela procura de trabalho e melhores condições de vida: “portanto, o ‘sair para o mundo’ representa, na fala dos albergados, simultaneamente, a ruptura das relações familiares e a possibilidade de inserção em relações formais e regulares de trabalho”.

Para Oliveira (2001, p.134), a tentativa malograda de estabilidade empregatícia também caracteriza o idoso em situação de rua: “o fato de buscarem, na vida

adulta, o trabalho itinerante não possibilitou que esses idosos pudessem criar raízes e estruturar suas vidas para que o amanhã não fosse tão desprovido de recursos”.

Antônio, após o casamento e a constituição de uma família, separou-se da mulher e deparou-se com sua primeira estada em um albergue e com o acirramento de sua dependência química. Após um ano de tratamento institucional, em função da bebida, nosso protagonista teve uma recaída e uma vivência de rualização de forma mais concreta e contundente em função de que a inserção em relações formais vai se tornando, gradativamente, cada vez mais difícil.

Aposentadoria

Alguns elementos do processo de envelhecimento de Antônio são ilustrativos da situação de rua do idoso, dentre eles observamos a aposentadoria como marco importante, o que favorece associar o idoso a um ser improdutivo. Tal atribuição torna-se muito mais negativa ao considerar-se que sua aposentadoria se deu por “invalidez”, adjetivo que acentua a ausência de valor, pois a pessoa é associada à incapacidade de trabalhar.

Na opinião de Santos (1990), a identidade de trabalhador é associada à virtude e reconhecimento social, pois nossa cultura capitalista atribui um valor moral exacerbado à inserção no sistema produtivo. Ao perder o papel de trabalhador, o aposentado sente-se um indivíduo incapaz e, não raro, procura reatar seus laços empregatícios mesmo que seja no mercado informal e em condições subumanas em que é explorado. Assim procedeu Antônio. Após sua aposentadoria, voltou a trabalhar como *office-boy* e possui planos futuros de um trabalho formal.

A necessidade de trabalho não está somente vinculada ao aspecto identitário. Por diversas vezes, Antônio enfatiza seu exíguo rendimento como aposentado. Além de constituir um fator de rualização, a dificuldade financeira também retrata uma triste realidade: após a aposentadoria o idoso não possui tranqüilidade financeira para levar uma vida estável, tendo que trabalhar para a sobrevivência ou, sem condições de subsistência mínima - tal como aconteceu a Antônio -, ir para a rua.

Uma identidade articulada em um eterno presente

No início de sua narrativa, Antônio se apresenta da seguinte forma: “Meu nome é Antônio, vivo no albergue, sou aposentado, faço tratamento médico porque tenho câncer”. Para se apresentar, inicia seu relato apontando seu nome, uma marca da identidade que o singulariza e diferencia das outras pessoas. A seguir, assume a identidade de albergado, remetendo-se ao lugar onde mora; informa também sua ocupação: aposentado. Prosseguindo sua apresentação, refere-se a seu problema de saúde. Justifica sua estada no albergue em função dos poucos recursos que recebe de sua aposentadoria. E, por fim, fala de sua situação familiar - é separado, pai e avô -, embora rompido com a família.

A identidade humana, para Ciampa (1990), é metamorfose, ou seja, uma categoria que se identifica com o próprio processo de identificação. Nesse sentido, Antônio se constitui como pessoa no emaranhado da totalidade de suas relações concretas em um contexto sócio-histórico peculiar, como um processo em aberto, em constante transformação, voltado para um futuro também em aberto. A identidade é recortada pelo espaço e pelo tempo, em que emergem diversos atributos que formam uma unidade, e se desvela como processo suscetível a múltiplas determinações.

Antônio, entretanto, ao apresentar-se, para dizer quem é, na sua ótica, identifica-se como um conjunto de papéis sociais considerados socialmente negativos: albergado, aposentado, doente, pobre e rompido com a família. Dessa forma, sua identidade aparece como um traço estático, algo acabado e imutável. É como se ele se percebesse ‘pronto’, sem possibilidade de transformações. Surge como substantivo que contradiz o processo de metamorfose da identidade humana, que é verbo aberto a diversas conjugações.

Eis a contradição fundamental da identidade humana segundo Ciampa (1990, p.183). Embora a identidade seja metamorfose, ela surge invertida em seu contrário: a “não-metamorfose”. Esse fenômeno se dá, dentre outros aspectos, quando a pessoa não encontra condições concretas para realizar sua humanidade, vir-a-ser algo novo, ficando presa em um processo de “... má infinidade, que tem como

conseqüência bloquear o devir do homem-sujeito". Tal processo faz com que o indivíduo viva a "mesmice de si imposta" pelas condições concretas, não conseguindo projetar-se transformado no futuro.

Dadas as adversidades e humilhações a que os idosos moradores de rua estão expostos, como Antônio, eles tendem a viver em uma permanente imediatidade. Para Gama (1996, p.74): "As ausências em que estas pessoas se encontram; sem familiares, sem bens materiais, sem um vínculo que poderia servir-lhes de referência para lançar-lhes a um vir a ser; são barreiras que impedem este lançar-se".

A fala de Antônio sobre isso parece ser muito significativa: "Meu futuro? Que futuro que eu tenho com essa idade? Não tenho futuro". Futuro é das gerações seguintes, dos jovens, pois um velho não pode ter futuro. Antônio prende-se ao presente.

O passado, o presente e o futuro do idoso em situação de rua estão associados com adversidades e constrangimentos. O passado marcado por um círculo de pobreza reflete a dificuldade de atribuir valores positivos ao presente e a possibilidade de um futuro melhor esvazia-se. Para Oliveira (2001, p.133), a 'pessoa de rua' sofre a falta de perspectivas de futuro "quando não mais encontra significados fortes que a façam sonhar e fazer projetos de vida, vivendo somente no presente".

Vejamos qual a perspectiva de futuro de Antônio:

Meu futuro é ficar bom com a minha saúde... e arrumar um bico para eu fazer... para matar o tempo e ganhar um dinheirinho para não ficar pedindo aqui, pedindo ali e cair na sarjeta... Se eu tivesse um lugar para fazer um trabalho extra, um serviço, assim, que eu pudesse fazer, e ganhar algum dinheiro... ganhar o suficiente para mim pagar um lugar para morar. Chegar e ter meu quartinho, deitar lá e ver minha televisão e ficar tranqüilo.

O maior sonho de futuro de Antônio restringe-se à busca de saúde, de um lugar e de uma situação mais confortável. Entretanto, parece ser uma busca que faz com que permaneça preso ao que o processo social lhe determinou. Como ressalta Rezende (1990), "permanecer no processo é condenar-se ao círculo vicioso do *mesmo* sentido" e que somente um projeto pode questionar o processo, o que permitiria a

transformação da situação que está posta. Antônio possui sonhos, porém não encontra condições concretas para efetivá-los em projeto. Destituídos destas condições seus sonhos apresentam-se abstratos e fantasiosos, sempre cerceados por uma situação presente que não possibilita sua realização.

Conforme Ciampa (1990), essa impossibilidade concreta da metamorfose humana, "a mesmice de si imposta", gera a "crise do ator-sem-personagem", ou seja, um mergulho na "réplica de si" sem perspectivas de constituir novas personagens em sua identidade. No caso de Antônio, as personagens de trabalhador e domiciliado são exemplos dessa crise.

A necessidade de viver nas ruas leva o indivíduo a desenvolver estratégias de sobrevivência, o que, gradativamente, torna menores as chances da saída das ruas. No início, quando a pessoa entra nessa vida, como no caso de Antônio, quando passou a viver no grupo de rua, embaixo da ponte, ainda há tentativas para reverter a situação, principalmente através da busca de empregos fixos e de rendimentos estáveis. Não obtendo êxito, o indivíduo desenvolve a crença de suas tentativas serem inócuas para modificar sua história e a convicção de que os acontecimentos de sua vida são frutos de forças extrínsecas a ela, sobre as quais não detém o menor controle. Torna-se, então, resignado, em processo que designamos aceitação/acomodação (Mattos, 2003).

Sem condições de projetar seus sonhos na realidade material, o indivíduo tende a patinar em um eterno presente, sem perspectivas de emancipação pessoal. A fala de Antônio revela esse processo: "eu saio pego o ônibus e vou para um lugar... vou para o outro... passear de metrô, para cima e para baixo. Eu fico assim: vou no Jabaquara, às vezes vou lá no Tucuruvi... pego o metrô e vou lá na Barra Funda... e... fico andando... não tenho o que fazer". Vemos, nos dizeres de Ciampa (1990), a identidade impedida de metamorfosear-se, caminhando em uma "invariância biográfica", em um "círculo infundável" de repetição de si mesma, a partir do qual a identidade caminha para a "morte simbólica". É a plena realização do mito de Sísifo, que carrega seu fardo para cima e para baixo sem perspectivas e sem futuro, voltado para a única perspectiva que consegue vislumbrar: a espera da morte.

De que adianta aumentarmos a expectativa de vida se alimentamos uma vida sem expectativas? De que adianta darmos anos à vida, se não somos capazes de dar vida aos anos?

Conclusão

O passado de Antônio nos auxiliou a compreender o presente angustiante no qual vivem os idosos em situação de rua.

Quem sabe este paroxismo de desumanização, de ausência de futuro, de um eterno presente, não seja um alerta? Talvez mostre concretamente, como um espelho, uma das direções que podemos seguir, um caminho que, em nossos discursos, insistimos que não o queremos - um mundo em que cada vez menos comungamos uns com os outros; em que cada vez mais nos fechamos em nosso presente; em que nos refugiamos em nossas cidades-dormitório, verdadeiros albergues; no qual, somente com muita dificuldade, construímos projetos coletivos.

Talvez possamos escolher o outro caminho: o da humanização. Entretanto, o humano não está posto. Ele carece de construção. Precisa ser afirmado numa construção coletiva, como um grande tecido que se constitui através da ação conjunta de todos. Tivemos lições de que se uma parte se esgarça, todo o tecido pode se corromper.

Foi irônico. Pretendíamos falar 'deles', os moradores de rua, 'os outros', numa posição de distanciamento muito confortável. Entretanto, 'o feitiço voltou-se contra o feiticeiro', e essa reflexão também nos remeteu a nós mesmos. Estamos aderidos ao mesmo tecido, somos elementos dessa construção coletiva. E a lição de Antônio gerou um incômodo que talvez nos ajude a não nos tornarmos 'sísifos' contemporâneos a construir um inconsútil tecido humano.

Referências

- Alves, M.M. (1994). *Os vínculos afetivos e familiares dos homens de rua*. Dissertação de mestrado em Serviço Social. Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Becker, H.S. (1999). *Métodos de pesquisas em ciências sociais*. São Paulo: Hucitec.

Berquó, E. (1999). Considerações sobre o envelhecimento da população no Brasil. In A. L. Neri & G. G. Debert (Orgs.). *Velhice e sociedade* (pp.11-40). Campinas: Papirus.

Bursztyn, M. (2000). Da pobreza à miséria, da miséria à exclusão: o caso das populações de rua. In M. Bursztyn (Org.). *No meio da rua: nômades excluídos e viradores* (pp. 27-55). Rio de Janeiro: Garamond.

Ciampa, A.C. (1990). *A estória do Severino e a história da Severina* (pp.13-83). São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A.C. (1994). Identidade. In S.T.M. Lane & W. Codo (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento* (pp. 58-75). São Paulo: Brasiliense.

Ciampa, A.C. (1977). *A identidade social e suas relações com a ideologia*. Dissertação de mestrado em Psicologia Social, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Ciampa, A.C. (1998). Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações*, 6 (3), 87-101.

Declaração de princípios. (2002). *Revista Ocas: saindo das ruas*, 1 (1), 5.

Dias, A.P. (2004). *Jornal O Trecheiro: Notícias do Povo da Rua*, 14 (123), 2.

Escorel, S. (1999). *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social* (p.185). Rio de Janeiro: Fiocruz.

Gama, M.M. (1996). *A fala de quem vive nas ruas: uma antropologia do diálogo* (p. 78). Dissertação de mestrado em Ciências Sociais, Faculdade de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Lane, S.T.M. (2001). A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a psicologia. In S.T.M Lane & W. Codo (Orgs.). *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense.

Magni, C.T. (1994). *Nomadismo urbano: uma etnografia sobre os moradores de rua em Porto Alegre*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Marconi, M.A., & Lakatos, E.M. (1990). *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas.

Mattos, R.M. (2003). *Processo de constituição da identidade do indivíduo em situação de rua: da rualização à sedentarização*. Pesquisa (Iniciação Científica). São Paulo: Universidade São Marcos.

Mercadante, E. (1996). Aspectos antropológicos do envelhecimento. In M. Papaléo Netto, *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo: Atheneu.

Nasser, A.C.A. (1996). *Sair para o mundo - trabalho, família e lazer: relação e representação na vida dos excluídos*. Tese de doutorado em Sociologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

Neri, A.L. (2001). O fruto dá sementes: processos de amadurecimento e envelhecimento. In A.L. Neri (Org.). *Maturidade e velhice: trajetórias individuais e socioculturais*. Campinas: Papirus.

Ninguém sabe quantos vivem nas ruas (2000). *Revista Boca de Rua*, 1 (0), 4.

Oliveira, J.L. (2001). *A vida cotidiana do idoso morador de rua: as estratégias de sobrevivência da infância a velhice - um círculo de pobreza a ser rompido*. Dissertação de mestrado em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

Rezende, A.M. (1990). *Concepção fenomenológica da Educação*. São Paulo: Cortez.

Santos, M.F.S. (1990). *Identidade e aposentadoria*. São Paulo: EPU.

Schor, S.M., & Artes, R. (2001). Primeiro censo dos moradores de rua da cidade de São Paulo: procedimentos metodológicos e resultados. *Economia Aplicada*, 5 (4), 861-83.

Silva, L.A. (2000). *Cartografia da atenção à saúde da população de rua na cidade de São Paulo: um estudo exploratório*. Dissertação de mestrado em Serviço Social, Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Simões, J.G., Jr. (1992). *Moradores de rua*. São Paulo: Polis.

Snow, D., & Anderson, L. (1998). *Desafortunados: um estudo sobre o povo da rua*. Petrópolis: Vozes.

Taveira, J.C., & Almeida, R.S.A. (2002). *O morador de rua de Campo Grande: condições de vida*. Campo Grande: UCDB.

Vieira, M.A.C. (1995). Pesquisa sobre o perfil da população de rua de São Paulo. In C.M.M. Rosa (Org.). *População de rua: Brasil-Canadá* (pp. 42-5). São Paulo: Hucitec.

Vieira, M.A.C., Bezerra, E.M.R., & Rosa, C.M.M. (1992). *População de Rua: quem é, como vive, como é vista*. São Paulo: Hucitec.

Yazbek, M.C., & Wanderley, M.B. (1992). A luta pela sobrevivência na cidade, os "homeless" ou "população de rua". In L.M. Bógus & L.E. Wanderley (Orgs.). *A luta pela cidade em São Paulo* (pp.133-47). São Paulo: Cortez.

Recebido para publicação em 12 de dezembro de 2003 e aceito em 29 de novembro de 2004.